

Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal  
Exmas. Senhoras e Senhores Deputados Municipais  
Exmas. Senhoras e Senhores Presidentes de Junta de Freguesia  
Exmas. Senhoras e Senhores Vereadores  
Distintas Autoridades  
Caras e Caros convidados das instituições concelhias  
Caríssimos artistas que têm abrillantado esta cerimónia protocolar e que eu quero agradecer de modo muito particular,  
Caros trabalhadores municipais e equipas técnicas que tornam este momento possível,  
Senhoras e Senhores jornalistas aqui presentes,  
Minhas senhoras e meus senhores,

Temos a teimosa mania das certezas absolutas.

A mais habitual é a de que tudo está na mesma, de que todos somos iguais, de que nada muda, nada avança. No fundo, o determinismo cínico que paralisa a esperança.

Há 8 anos tive o privilégio de intervir, pela primeira vez, na sessão solene de comemoração do 25 de Abril na Assembleia Municipal de Caminha. Naquele dia, a novidade maior foi contarmos com os discursos de representantes de todas as bancadas parlamentares, depois de anos a fio a ouvir os representantes do poder, a voz do partido único a discursar.

Mesmo para os paladinos de que as coisas não mudam, é evidente que há 8 anos Portugal e o Mundo eram diferentes de agora:

Pedro Passos Coelho era 1<sup>a</sup> Ministro de Portugal, Cavaco Silva o Presidente da República.

Terminava o famigerado programa de resgate que colocou uma troika de instituições internacionais a governar Portugal.

2014 foi ano em que os portugueses emigraram mais do que nunca à procura de emprego e esperança: 134 mil compatriotas deixaram o nosso país.

O Governo aprovou a resolução do BES e, no mundo, ao mesmo tempo que surgiam sinais positivos com o reatar de relações diplomáticas entre os Estados Unidos e Cuba, o Estado Islâmico irrompeu como realidade de terror tomando posições de poder em largos territórios da Síria e do Iraque.

As coisas eram diferentes até na vida mais mundana: a paquistanesa Malala recebia o Prémio Nobel da Paz pela “luta contra a repressão de crianças e pelo seu direito à educação” e o “12 Anos Escravo”, do realizador Steve McQueen, recebia o Óscar de melhor filme atribuído pela Academia de Hollywood.

Em Portugal, Enzo Perez era o melhor jogador da Liga, William Carvalho o atleta revelação e a Suzy ganhava o Festival da Canção com um total de 41,56% dos votos. Vejam bem...

No Mundo:

Barack Obama era o Presidente dos Estados Unidos da América

David Cameron, Primeiro Ministro do Reino Unido

François Hollande, Presidente da República Francesa

e Durão Barroso, Presidente da Comissão Europeia

Continuarão a dizer os homens das sentenças que é sempre tudo igual e talvez haja mesmo uma constante que nunca se parta para que o futuro não seja algo inteiramente novo:

Viktor Orbán era já Primeiro Ministro da Hungria

Xi Jinping líder da nação chinesa

Vladimir Putin Presidente da Federação Russa

Em contrapartida:

Volodymyr Zelensky nem sequer tinha começado a gravar a série televisiva “Servo do Povo” que de 2015 a 2018 o tornou popular e criou as condições para que fosse eleito Presidente da Ucrânia nas eleições que se realizaram no ano de 2019. Era um ator, um comediante que fazia rir o seu Povo há apenas 8 anos.

Para os cínicos, repito, será sempre tudo igual. Para os que acreditam num mundo melhor, haverá sempre uma revolução a fazer.

Portugal viveu décadas de uma ditadura que perseguia, condicionava, calava, torturava e matava portugueses que considerava não serem “portugueses de bem”. Milhões de compatriotas nossos, muitos ainda vivos, a maior parte nossos antepassados, cresceram num país amorfo, cinzento, do respeitinho e do medo. Medo de falar, de cantar, de sentir, medo de amar.

Atravessamos anos de chumbo que muitos combateram desde o primeiro momento, tempos em que muitos sucumbiram pelas ideias em que acreditavam. Desde púlpito, presto homenagem a todos os homens e mulheres, todos os trabalhadores e trabalhadoras, intelectuais, operários, camponeses, pescadores, gente jovem e gente idosa, homens e mulheres de brio, que em Portugal e na clandestinidade lutaram por um país livre, um país de fraternidade.

Naquela madrugada de Abril onde nos fizemos revolucionários, fomos todos heróis na passada dos militares que tomaram as ruas de Lisboa e o coração de Portugal. Fomos livres porque desobedecemos, porque nos revoltamos, porque deixamos o cinismo de lado e acreditamos que a mudança está em mudarmos primeiro, em virar o nosso medo de avesso e querer ser mais, querer ser melhor.

Portugal precisa ainda dessa coragem, dessa revolta contra o cinismo, dessa ambição de ser feliz.

A democracia é, também, mudança. Mudança de paradigma, de políticas, de protagonistas, de cassete, de atitude, mudança de comportamentos, de arrogância, da perseguição partidária, do exercício severo do poder, do formato inconsequente de fazer oposição.

Mudar é construir o devir permanente da inquietude que traz futuro, desenvolvimento e liberdade. E muda-se mesmo não percebendo a mudança, a consequência feroz de cada pequeno gesto de insubordinação e ambição coletiva.

Há 8 anos, quando celebramos os 40 anos da revolução os cravos, ninguém mencionou que 3 semanas antes a Crimeia, península importante do Estado independente da Ucrânia, tinha sido anexada pela Federação Russa de forma unilateral e ilegal. Não pareceu importante a ninguém. Contudo, essa mudança, condicionou e condiciona hoje toda a mudança futura do Mundo, marca o nosso quotidiano e ameaça, no pior cenário, transformar a nossa vivência coletiva numa guerra total com milhões de mortes e deslocados. Uma guerra sem sentido, um povo que luta pela sua soberania e autodeterminação, contra um regime autocrático, violento e sem centelha de amor pela Democracia e a Liberdade. Recorda-vos alguma coisa, hoje que comemoramos a Revolução dos Cravos?

E os nossos tempos? Os tempos dos líderes negacionistas, populistas ou radicais? Que dizer dos governos que temos na América do Sul, da liderança que até há pouco tivemos nos Estados Unidos da América? Que dizer dos caminhos da China, de muitos dos regimes do Norte de África e do Médio Oriente, do recém eleito Presidente da Sérvia, dos posicionamentos de Orban na Hungria, da influência do VOX em Espanha e dos 41% de franceses, 13 milhões de franceses que ontem votaram na Extrema Direita xenófoba num dos países mais importantes da Europa? Que dizer do país de Abril que, no momento em que cumpre mais tempo em Liberdade do que em ditadura, tem um partido populista, intrínsecamente racista e contrário aos valores da Constituição, como terceira força política de um Parlamento que hoje se encheu de cravos?

Que mudança está ou pode acontecer hoje para que os discursos daqui a 8 anos possam ser melhores? Que mudança, que revolução devemos promover para que os nossos filhos e os nossos netos não tenham que partilhar um mundo de perseguição, xenofobia, preconceito e atraso? A que tanque devemos subir para marchar contra o medo?

Ao tanque da Liberdade. Da responsabilidade. Da coragem no pensamento e na ação. Ao tanque da diferença e do respeito pelas instituições e pelas pessoas. Ao tanque da Democracia.

Hoje não cito poetas, nem canções. Hoje sinto mais a amargura dos tempos plúmbeos que nalgum outro ano senti. Mas sinto de igual forma a esperança que tantos, de tão diversos pensamentos, me dão, ao lutar pela biodiversidade e pelo planeta, pela multiculturalidade e a diferença, contra a descriminação de género,

contra a corrupção, contra as desigualdades, contra a guerra, a favor da tolerância, da justiça, da paz, pela solidariedade.

Os novos capitães de Abril do meu país são os que trabalham nas ONG's, os que se dedicam ao serviço público de Saúde, Justiça, Educação, Defesa, Segurança e Apoio Social. Os novos capitães do Abril são os que labutam nas empresas para fazer avançar o país, os que investigam para fazer da ciência uma alavanca de humanidade, os que estudam para poderem ser a próxima geração mais preparada de portugueses, os que tocam, pintam e cantam para continuar a moldar a história da História, os que sobressaltam da vertigem da sua juventude, os que partilham sabedoria do alto dos seus cabelos brancos. Os que acolhem ucranianos, afegãos e sírios fugidos da guerra, os que se revoltam com ideologias de exclusão, perseguição ou racismo, os que dão sem exigir receber, os que cuidam de quem precisa, os que recolhem animais, os preservam a floresta e o mar e os que criam empatia com o semelhante que não vêm como concorrente ou inimigo.

Os novos capitães de Abril são também os autarcas, todos os que fazem política construtiva, de transformação, de dedicação às pessoas e à comunidade, honrando o legado de eleições livres que o 25 de Abril nos deixou até aos dias de hoje.

Os novos capitães de abril estão, já, por todo o lado, não se ficam por quartéis, andam em todas as ruas que a sociedade constrói para se tornar mais forte, mais coesa e mais solidária.

Daqui a 2 anos vamos comemorar os 50 anos do 25 de Abril, ao mesmo tempo que celebraremos o centenário de elevação de Vila Praia de Âncora e ficaremos a uma singela década de assinalar os 750 anos do Foral de Caminha que se darão em 2034. Que melhor cruzamento de datas poderíamos desejar para olharmos para dentro e nos conhecermos melhor? Que melhor coincidência numérica poderíamos

ter para justificar um exercício de autoconhecimento e introspeção que nos lance para o futuro? Que pretexto tão extraordinário para partirmos do que somos, em direção ao que queremos ser como povo e território do amanhã? A Câmara Municipal de Caminha fomentará este debate e chamará todos para a construção do que decidirmos que queremos ser.

É neste amanhã, e no presente dos novos capitães de abril, que alicerço a minha esperança, a esperança de que continuaremos a honrar todos quantos fizeram o 25 de Abril de 1974.

25 de Abril sempre!